

PERIODICO CRITICO, SATYRICO E CHISTOSO

Publica-se ás quartas-feiras e sabbados, á rua de S. José n. 20, onde tratam-se as publicações e mais negocios relativos ao mesmo

EXPEDIENTE

Cidade de Trampolinopolis, bordo do CORSARIO, 5 de Outubro de 1880.

Officio ao director da estrada de ferro D Pedro II, pedindo-lhe que seja restabelecido nas locomotivas o uso das campas em substituição ao silvo.—Communicou-se.

— Ao fiscal da freguezia do Sacramento, para que faça retirar as enormes pedras e pedaços de trilhos que, na rua do General Camara, entre a da Conceição e praça do General Osorio, impedem o transito publico.—Cumpra-se.

Pedimos ás pessoas que tiverem noticias ou reclamações de interesse geral o obsequio de nos remetter, pessoalmente ou por escripto, comtanto que sejam garantidas.

CORSARIO

Agradecemos ao publico o acolhimento que dispensou ao primeiro numero do nosso navio, assim como á imprensa que teve a delicadeza de o noticiar.

Esperancosos de que a protecção publica não arrefecerá, envidaremos todos os esforços para inteiro cumprimento de nosso programma, ja denunciando os crimes e abusos, ajudando assim as auctoridades no desempenho da lei, já mostrando á sociedade aquelles que, vivendo debaixo da capa de honestos e honrados, merecem ser stigmatizados.

Animados pelas nossas boas indicações, ajudados pelo povo, de de sahimos, a quem pertence e para quem explicitamente revemos — afagamos a lisonja idéa de ainda poder lhe ser

Da sua boa vontade, pois, de de o nosso futuro.

Á PROA

No nosso primeiro numero manifestámos a nossa opinião sobre as casas de tavolagem.

Estamos no mesmo terreno.

O que não podemos é estar de accordo com pequenas medidas, que mais parecem questões pessoaes do que o desaggravo da lei.

A nossa policia de bordo, andando em procura de factos que podessem interessar aos nossos leitores, viu que ás pessoas que saíam, na ilha de S. Jorge, das casas de jogo, eram presas e recolhidas á estação.

Correram a communicar-nos.

Immediatamente fizemos para ali seguir o immediato do nosso navio e mais alguns officiaes.

Então, chegou-nos ao conhecimento que o Sr. subdelegado do 1º districto da freguezia do Sacramento, tendo querido, não sabemos por que pretexto, entrar em uma daquellas casas, bateram-lhe com a porta.

A despeito disto, dizem os nossos informantes, pessoas que não mentem, ordenou elle que todos quanto sahisses de taes casas fossem agarrados e « arcabusados ».

Perseguir os jogadores é dever da auctoridade moralizada que quizer bem desempenhar o cargo de que se achar revestida.

Mas, se, no cumprimento desse, ou de outro qualquer dever, precede a paixão ou vingança—ella, longe de ennobrecer-se—degrada-se.

Além disto, como, sendo o proprietario da casa de jogo quem desfeiteou a auctoridade, ella o deixa impune para prender o desgraçado que só tem o crime de jogar?

Ainda mais: como, achando-se assim impedida a sahida das casas do 1º districto, está franca a do 2º, que é na mesma ilha!

Deixemo-nos de meias medidas! Ataque-se as casas de tavolagem com todas as véras por mar e por terra, e, se a policia da rua do Lavradio não tem força para tanto, requisite gente da tripolação do CORSARIO.

E' quando hão de vér; não escapa nem o Albino, que está escondido na villa da D. Isabel.

Chamamos a attenção da Illma. camara municipal para a immensidade de cães que vagueam « sem destino », principalmente na Cidade Nova, ameaçando as canellas dos transeuntes.

Já que a « Illma e poderosa » Sra. D. Policia nao pôde exterminar os vagabundos bipedes, mostre a Illma. camara que pôde, de uma hora para outra, acabar com os vagabundos quadrupedes, ou melhor caninos; como queira, não fazemos questão por isso.

O que queremos é que a illustre edilidade dê que fazer aos Srs. fiscaes, que levam todo o tempo a dormir.

— Prompto, capitão!

— Que queres?

— Cá está o homem com todos os seiscentos diabos!

— Que homem?

— O tal Santos.

— Onde o encontraste?

— C'os diabos! O bruto soube logo que eu andava-lhe na pista, fugiu e escondeu-se na villa da Sra. D. Isabel. Eu, que tenho mais faro que cão de fila, fui atraz.

Quando disse-lhe para que ia, elle quiz fazer-se de valente comigo e mostrou-me um revólver.

Oh! não foi preciso mais nada, capitão; agarrei-o pelo cachaço e metta-se em calabrote; depois amarrei-o a pão e corda e eis aqui o tratante.

— Sim, meu muxingueiro, acabas de prestar um serviço valiosissimo, e, em paga de tua dedica-

ção, vou mandar abonar-te duas rações. Pódes retirar-te.

Agora vamos nós, Sr. Santos.

Em que se emprega o senhor e do que vive?

— Eu, capitão, sou negociante e proprietario, estabelecido na ilha de S. Jorge.

— Miseravel!

Tu, negociante?!...

Tu dizes que és negociante, porque na cidade de Trampolinopolis não ha policia para trancafiar os ladrões.

— O capitão abusa do seu poder para insultar-me.

— Cala-te, pustula.

Tu dizes que és proprietario, porque com o muito que roubas todas as noites dos incautos e viciosos tens conseguido fazer fortuna.

— Isso não é verdade, capitão.

— Miseravel, tu me desmentes!

Não é verdade que mettes em tua espelunca de jogo: cachaços menores, escravos, praças do corpo de bombeiros e outros corpos de linha, e até os soldados armados que guardam a casa do thesoureiro da cidade de Trampolinopolis?

— Capitão, pelo amor de Deus, não me perca...

— Ah! já confessas?

Muxingueiro!

— Prompto, capitão!

— Um par de machos neste velhaco e 50 calabrotadas por conta de maior quantia.

— Tão pouco, capitão, para um tão grande sevandija!!!

— Não. E' que hoje não posso mais perder tempo com esse biltre.

Dai-lhe no porão « bom tratamento », que, nestes tres dias, elle receberá o premio que merece, sendo depois entregue á policia de terra.

— Capitão, dê-me licença para me justificar.

— Bruto, os homens que tem o teu meio de vida não têm justificação a bordo do CORSARIO.

— Mas, por que o capitão não manda agarrar os que me fazem concorrência?

— Animal, não viestes aqui para fazer accusações, trata de ti. Os outros serão também agarrados e passados pelas mesmas provas de bordo, mas vai cada um por seu turno; comprehendes, animalijo?

Leva-o, muxingueiro.

— Sim, meu bom capitão.

Tambem posso dar-lhe algumas por minha conta?

— Sem duvida; que sejam bem puxadas e o calabrote esteja bastante alcatroado.

— C'os diabos! o capitão hoje está de bom humor. Vamos, senhor, que eu não sou de graças. Até sabado... tens muita sôpa de « corda e breu ».

— Meu santo Albino, vale-me nesta hora extrema.

— Aqui não ha « Santos » que te valham; é só o muxingueirinho que tem o poder.

— Siga!... O poder é o poder!

Está em scena, como promettemos no nosso numero anterior, o personagem politico que de ora avante será designado com o nome de Conselheiro.

Não nos daremos ao trabalho, por enquanto, de remontar a longinquas datas, como a de 1848.

Referiremo-nos apenas á de quando foi elle presidente da cidade de Latronopolis.

Naquelle tempo, elle, ainda que já se tivesse banido do partido conservador, era perfeito typo da aristocracia.

Reinava a guerra do Paraguay.

O nosso Conselheiro, como bom patriota, não poupou esforços para engrossar as fileiras do exercito.

O atroz recrutamento, sem clemencia para quem não fosse da sua grei, foi o meio escolhido.

E pobre do cidadão que ousasse pôr pé na rua.

Não é progressista? Vá para bordo, que seguirá no primeiro paquete que passar para o sul.

Lá vinha a mulher reclamar o marido.

Mas, dizia o Conselheiro: Ha de seguir, a patria precisa.

E lá se ia o pobre homem barra fora. Não havia isenções que

servissem. Não era progressista, era um bom soldado.

Mais tarde lá vinha a viuva reclamar o filho.

— Que que quer que lhe faça? nós somos brasileiros, temos de servir á patria.

— Mas, Exm. Sr., eu sou viuva, tenho tres filhas, e elle, que é o varão, é o nosso unico arrimo.

— E, se elle não fôr, replicava o Conselheiro, hão de ir os meus filhos? Ainda se elle fosse progressista, as cousas se poderiam arranjar; mas não é votante, ha de seguir.

Politico machiavelico! Soffrerás o golpe de prôa do Corsario, que deves sentir mais que a « poeira da estrada ».

Basta por hoje.

Chamamos a attenção da Illma. camara municipal para o estado a que as quitadeiras reduziram o largo do Rosario.

Parece-nos que não é aquelle logar o apropriado para a venda de legumes.

A cidade tem mercados proprios para esse fim; se são poucos, construam-se mais; o que não podemos é ver converter-se um largo em praça de mercado.

Se a venda de taes generos naquelle logar é imprescindivel á commodidade publica, melhorassem o mercado que havia e não o destruíssem.

Uma vez que o desapropriaram é porque não fazia falta.

Seja como for: o que não ha duvida é que não se deve consentir que uma rua fique transformada em quitanda.

Noticiando aquelle abuso, esperamos da illustre edilidade providencias, e, caso não sejamos attendidos, voltaremos á carga mais amplamente.

Julgamos conveniente reclamar do Sr. Dr. chefe de policia providencias para as casas de comprar e vender objectos usados, conhecidas pelo nome de belnior.

Muitas destas casas, como já dissemos, têm como associados agentes da policia secreta.

Assim estabelecida a commandita, julgam-se habilitados a toda a casta de transacções, pois contam

com a impunidade por parte das auctoridades, facilitando por esta forma a gatunagem.

Tudo elles compram, com tanto que o preço convenha sem attender que a pessoa que vende pôde ou não possuir o objecto apresentado.

Estamos certos de que S. Ex. não tem conhecimento destas tranquiernas, razão por que chamamos a sua attenção.

— Boa tarde, capitão.

— Boa tarde, Sr. immediato.

— Peço-lhe desculpas, capitão,

por não ter chegado ha mais tempo com as informações de que foi incumbido, relativas ao carroceiro e ao tenente de urbanos.

— Então, traz-m'as exactas e conforme fui informado?

— E' verdade; o informante do capitão é pessoa exactissima e digna de confiança. Se quizesse dizer muito mais, não era necessario recorrer á calumnia.

Com a perspicacia que me caracteriza, pude, á custa de muito trabalho, não só colher as informações pedidas, como também muitas proezas do tal tenente; porém, como a hora já vai adiantada, cingime-hei apenas á materia da minha missão, que irá entretendo os nossos passageiros até á primeira occasião, para quando aguardo o quo tenho de mais importante.

— Como chama-se este herôe?

— Não me souberam dizer, capitão, mas posso garantir-lhe que elle é conhecido por tenente Keller.

— Tenente Keller!

Esse nome não me é estranho. E a que estação pertencia?

— Disseram-me que á da igreja de palha.

— E qual a que ora pertence?

— A' da flor que, tendo espinhas, ficou santa.

— Muito bem! Sr. immediato, isto é que se chama informar.

Diga-me mais: o nós abaixo assignado também é veridico?

— E'.

— E não sabe a causa?

— Sei.

— Quero ouvir-a.

— Escute-me. Quando o tenente Keller pertencia á primitiva esta-

ção, o carroceiro, que é do mesmo districto, tinha muitas garantias. Se lhe prendiam um parceiro, bastava um bilhetinho para Coimbra, que era levado no bico de uma « andorinha », nos seguintes termos:

« Keller, o rapaz é meu. »

E lá vinha o rapaz.

Se lhe prendiam as carroças, ellas não eram recolhidas ao deposito, mas sim ao largo da Estatua.

— Sr. immediato! estou entusiasmado pela sua actividade. Não quero que continue mais por hoje. Vá descansar.

— Obrigado, capitão.

— Ah! se o Sr. Corrêa de Menezes apanhasse agentes como os meus, ser-lhe-hia facil acabar com os piratas.

— Capitão, ahí está o homem.

— Que homem, muxingueiro?

— Que estava sob a minha guarda no porão.

— O Santos?

— Não, o subdelegado do 2º districto.

— E' verdade. Foi bom trazel-o. Então, o senhor não se corrige?

— Eu, capitão, não fiz nada. O seu informante confundiu o meu nome. Eu sou simplesmente o Nunes e a pessoa de que se trata é o Costa.

— Não és tu que dás audiencia em uma estação de chapéo na cabeça, sentado na mesa? Não és tu que cynicamente frequentas uma filha de Santo Onofre no largo do Domingos, onde entras a qualquer hora do dia, deixando o guarda na porta?

— Capitão, este é o Costa. Já o aconselhei para deixar-se disto, mas elle não faz caso, disse-me que em Trampolinopolis não ha civilidade, nem decôro.

— Bem, Costa ou Nunes, seja que diabo fôr, perdôo pelo que tem feito até agora; se continuar, porém, não terei clemencia. Pôde ir para terra, mas não dou-lhe escaler, vá a nado e faça muito por não voltar aqui.

— Bem dizem « quem tem padrinho não morre pagão ».

— Sr. grumete!

— Prompto, capitão.

— Acabo de receber acerbas queixas contra um subdelegado,

que, além de proceder irregularmente, está constituindo-se um verdadeiro pirata.

— Vou buscal-o, capitão?

— Sim; antes disto quero que vás á torre do Sacramento e traga-me um filhote de «coruja».

— Um filhote... de «coruja... na torre... do Sacramento!...

Isto é singular, é. Se o capitão me dissesse para que...

— Como tenho de interrogar o tal subdelegado sobre causas graves, e é bem provavel que elle recuse-se a confessar, intimidar-lhe-hei com a coruja filhote.

— Desculpe-me, capitão; pôde dar-me uma nota sobre o que versa o interrogatorio.

— Pois então, Sr. grumete, o senhor não sabe que tal subdelegado manda pelo tabogil fazer prisões arbitrarías?

— Que, preso um individuo, elle remette-o da estação para a detenção, lezando assim o carcereiro da policia em favor da detenção, indo assim de encontro á lei, só com o fim de prejudicar o Sr. Leal.

— Basta, capitão, em cinco minutos trarei o coruja (filhote), e em dez o subdelegado.

CASAS DE TAVOLAGEM

No nosso numero passado tratamos da jogatina que tão assombrosamente e tão o menor recato está espalhada na cidade de Trampolinopolis.

Verdade é que depois que tratamos deste amplo, algumas prisões realizam-se; mas tão irregulares que mais podem ser classificadas como vingança do que execução da lei.

A policia localizou guardas na rua de S. Jorge, sómente em arte, de sorte que os jogadores e sahiam de cinco casas espedradas, por ordem do subdelegado, eram agarrados.

A rua de S. Jorge tem actualmente « 17 casas de jogo » e só de cinco se fizeram prisões.

E' isto ou não vingança da auctoridade?

Estamos informados de que estas prisões não foram feitas por ordem do Sr. Dr. chefe de policia, mas sim do Sr. capitão Coruja, subdelegado em exercicio do 1º

districto da freguezia do Sacramento.

Sempre nos encontrarão dispostos na denuncia destes e outros cancos que devoram a sociedade, e promptos a applaudir a auctoridade quando proceder com criterio e justiça.

Tambem seremos os primeiros a condemnal-a quando, abusando do poder de que se achar revestida, exercer vinganças pessoas.

Queremos que se persigam as casas de jogo, a ponto de obrigar os seus donos a procurarem meio de vida honesto; mas não emmudeceremos, vendo que só se persegue um pequeno numero, perseguição esta que só faz crescer a concorrência ás outras.

Não é sómente a rua de S. Jorge que tem casas de jogo. Não deve, portanto, ser ella a unica perseguida.

Nella jogam os bastardos da fortuna, os pobres desesperados.

Encaminhe a policia as suas vistas para mais adiante, onde jogam os ricos viciados.

Joga-se na praça da Constituição; joga-se na rua da Lampadosa; joga-se na rua da Alfandega, joga-se na rua do Senhor dos Passos; joga-se na rua de Gonçalves Dias; joga-se até, Sr. Dr. chefe de policia, em certa typographia..... joga-se ainda em muitos outros logares, que é impossivel de uma só vez enumeral-os.

Para que, pois, perseguir sómente cinco casas da rua de S. Jorge!

Se a policia é impotente, e não pode perseguir a todas, rasgue a lei e tenha a coragem de declarar, como declarou com relação ao imposto do vintem, que não se envolve com o jogo.

Isto é mais conveniente.

Cohiba-se cada um e deixe correr o marfim.

Se nós um dia fôssemos chefe de policia, assim procederíamos.

Ha ali uma grande vantagem: não se desrespeita a lei.

Depois do que deixamos dito, acreditamos que o Sr. Dr. Corrêa de Menezes ha de por certo manifestar o que pensa sobre as casas de tavolagem.

Aconselhará ao Sr. capitão Coruja que deixe os miseraveis cum-

prir o fado, ou ordenará a elle e ás demais auctoridades policiaes que ataquem com veras todas as casas de jogo.

A segunda hypothese é a mais razoavel.

As familias atiradas á miseria por aquelle vicio o abençoarão.

Os proprios desgraçados atacados do mal, quando curados, o bemdirão.

E o CORSARIO, em regosijo a um tão grande feito em prol da sociedade de Trampolinopolis, dará uma salva de vinte e um tiros.

Continuaremos.

Á RÉ

TYPOGRAPHIA NACIONAL

E' lastimosa a condição dos infelizes typographos do « Diario Official », sob a pessima administração do Sr. Galvão, principalmente quando aberto o parlamento.

Ficou isso já demonstrado por mim em uma série de artigos que escrevi no « Reporter », jornal diario que então se publicava nesta capital.

Ficou exuberantemente provado que a razão se achava de meu lado quando atacava a administração da typographia nacional, firmando com o meu nome, como sempre fiz e faço, os arrazoados de minhas censuras.

Hoje de novo me apresento e com maior razão, no intuito, não só de censurar, mas tambem de levar ao conhecimento de S. Ex. o Sr. conselheiro Saraiva o que vai de reprovado e iniquo naquella repartição, subordinada á pasta que dirige.

Não deêjejo, não peço, e nem quero que S. Ex. sem detido exame, sem que reconheça a verdade, sem que tire illações logicas das minhas accusações, condemne a administração da typographia nacional, como deve ser condemnada, por incapaz e inepta!

Espero sem grande esforço provar a S. Ex. que o administrador da typographia nacional tem provado tambem a não poder ser contestado, que pôde ser tudo quanto quizerem que elle seja, até mesmo bispo da nossa diocese, nunca, po-

rém, administrador de um estabelecimento typographico importante como é, ou pelo menos deve ser, este de que se trata!

Nesta época que atravessamos, e em que tanto se falla em liberdade, não admira, causa pasmo, quando se observa o modo por que é tratado o typographo do « Diario Official » e como elle se sujeita a tão penoso trabalho!

Não censuro os meus infelizes irmãos de arte, lamento apenas que elles, obrigados pelos deveres sociaes, não possam reagir contra os seus oppressores, que em um pacto infernal formam a diabolica trindade:

— Galvão, Cotrim e João Paulo!
O primeiro, Exm. Sr. ministro, no exercicio de suas funcções, só tem como recommendação o ser compadre do ex-ministro da fazenda, o heróe do 1º de Janeiro; o segundo, a sua reconhecida malvadez posta em acção contra os seus companheiros; o terceiro, esse, coitado, na sua qualidade de beocio, é o mais docil instrumento dos dous, com receio de que lhe tirem o logar.

Prometto discutir todos os pontos que tenham relação com a typographia nacional; prometto revelar tudo que sei, embora provenha disso um mal com o qual eu não conte.

Não será certamente em dous ou tres artigos. Deus ha de permittir que o faça vantajosamente em uma série delles. Esperem por mim os interessados.

RODOPIANO RAYMUNDO.

Sr. redactor. — Pedimos a V. que faça chamar a attenção de quem competir para a rua do Visconde de Itaúna, esquina da do General Caldwell, onde reune-se uma immensidade de italianos, que, de parceria com o bandeira da companhia Villa Isabel, e mesmo com o rondante do districto, impedem o transito publico, occupando a calçada, além de algumas palayras indecentes, que de vez em quando escapam. Confiados no seu programma, acreditamos que V. não se negará a isto, assim como a auctoridade competente a providenciar.

MOFINA

Quanto gastará, desta vez, em papel e envelopes, para a sua secretaria, o gato-marisco?

« O cara d'anta. »

NO TOMBADILHO

PARTICULARIDADES PHYSICAS DE
ALGUNS HOMENS CELEBRES

O inglez Hay, auctor de um « Ensaio sobre a fealdade », publicado em 1754, assim exprime-se :

« E' mui rara a deformidade corporal: de 558 gentlemen que compõem a camara dos commons eu sou o unico que tenha a queixar-se do seu rosto. Agradeço aos meus dignos constituintes o não terem nunca allegado cousa alguma contra mim, e espero que jámais terão o que allegar contra o meu procedimento ».

Não nos remontando além do XIV seculo, eis os personagens, cuja fealdade ou deformidade, segundo o testemunho dos contemporaneos, pareceu-nos digna de ser mencionada :

Margarida, condessa de Tyrol, apellidada « Guela de sacco », pôde ser visto seu hediondo retrato na galeria de Versalhes.

Leoncio Platos, sabio grego do seculo XIV.

Giotto Campagni, escriptor italiano do seculo XV.

De la Tremouille, amigo de Mme. de Sévigné (essa escriptora refere que uma vez de la Tremouille olhava ternamente para uma joven por quem estava apaixonado, e outra que achava-se por detraz delle exclamou : « Certamente é comigo o namoro ! »

A famosa visionaria Bourignon. Saint-Martin, litterato francez do seculo XVIII.

Mademoiselle Scudéri.

Danchet.

Delille.

Florian.

Gibbon.

Coffey, auctor inglez, morto em 1745.

Boulanger, auctor da « Antiguidade descoberta ».

Chauvelin, o adversario dos jesuitas.

O gastronomo Grimod de la Reynière.

Linguet.

Mirabeau.

Danton.

Grassi, historiador e poeta piemontez do seculo XIX.

E finalmente o celebre comico inglez Matthews, tão feio como Lekain, seu rival de gloria.

A fealdade de Pelisson tornara-se proverbial. Sabe-se que uma dama pediu-lhe um dia para prestar-se a servir de modelo a um pintor a quem tinha incumbido de representar o diabo. Era tão feio, que hesitando-se em propôr para confessor do duque de Borgonha ao jesuita Martineau, homem de rosto repugnante : « Ora essa ! acudiu o principe, o que é que poderia espantar a um homem que viu Pelisson ! »

O moralista Vauvenargues ficou de tal sorte desfigurado pela variola, que não mais animou-se a apparecer em publico, e é a esse forçado retiro que se deve as suas melhores obras.

Um escriptor, muito mediocre em verdade, o lyonez Deveriau, tornou-se tão feio em consequencia de uma molestia, que não atreveu-se a voltar á França e fugiu para Constantinopla.

Não sabemos se foi por identico motivo que o naturalista prussiano Hilsenberg, morto em 1824, fugiu para Madagascar ; o certo é que os habitantes do paiz, ao que parece, tão bons apreciadores da belleza physica como os europeus, apellidaram este sabio de « voroundoule » (coruja). Tinha a testa assaz esbranquiçada, os cabellos e as sobrancelhas muito louros e a membrana que rodeia os ciliós de um vermelho carregado, que recordava-lhes a cara dessa ave nocturna.

Tendo Becker, autor allemão, de rosto hediondo, negado a existencia do diabo em seu « Mundo encantado », La Monnoie fez contra elle o seguinte mordaz epigramma :

Oui, par toi de Satan la puissance est brisée ;
Mais tu n'as cependant pas encore assez fait !
Pour nous ôter du diable entièrement l'idée,
Becker, supprime ton portrait.

O traductor das « Metamorphoses de Ovidio », Saint-Fariau, mais conhecido sob o nome de Saint-Ange, feio em excesso por ter de mais a mais a boca rasgada, a estatura

montanhosa e os cabellos entrançados como os de um guarda suizo, não pôde escapar ao sarcasmo, alias justificado por suas ridiculas pretensões litterarias. Na epocha em que appareceu o seu livro fizeram circular contra elle o epigramma seguinte :

Sous la figure de Saint-Ange.
Ovide osa nous raconter
Comment, sous mainte forme étrange,
Le roi des cieux donnait le change
Aux belles qu'il voulait dompter ;
Mais aujourd'hui Jupin se venge
En le faisant ressusciter

(Continúa.)

Conversava Piron na rua com um de seus amigos, quando passou o Sagrado Viatico ; Piron tirou o chapéu.

— Como! perguntou-lhe o amigo: já reconciliou-se com Deus?

— Nós nos cortejamos, tornou o epigrammista, mas ainda não nos fallamos.

Um fidalgo tinha ás costas um processo crime de bastante gravidade. Notaram que elle desde o principio do processo deixara de se barbear.

— Nada, explicou elle não estou para rapar a cara sem saber se a cabeça continuará a pertencer-me.

Isso é que é não querer desperdiçar nem tempo nem trabalho.

Uma boa cabeça vale mais que cem braços.

Os homens ensinam a temer a Deus, a natureza a amal-o e admirar-o.

A liberdade da imprensa é o melhor correctivo da liberdade.

Dizia o espiritoso Bauru que uma taverna é um logar onde se vende a loucura em garrafas.

Liberal e anarchista são synonymos frequentes vezes.

A vida e a riqueza como fim, nada são, como meio são inestimaveis.

Ninguem, por mais feliz que seja, pôde olhar para traz, sem que ache em sua vida motivo para exhalar um suspiro.

Quantas pessoas ha, para quem a religião não é senão uma grande arvore debaixo da qual se abrigam durante a chuva, passando a abandonar-a quando a chuva é passada?

ULTIMA HORA

Por telegramma de Pernambuco recebido pelo « Jornal do Commercio », sabe-se que houve tumulto na camara municipal da capital daquela provincia.

Depois do dominio desta situação parece que tudo caminha para o aniquillamento.

A honra do parlamento tem soffrido golpes fataes. A dignidade nacional tem sido humilhada como nunca viu-se.

Após ás cenas da Victoria seguiu-se a reconstituição do recinto da camara geral em praça das Marinhas.

Agora, é ainda o deputado José Mariano quem no proprio recinto da camara municipal de Pernambuco andou á unho com o seu collega vereador Viéras.

O povo invadiu o edificio da municipalidade. A policia interveiu.

Infeliz provincia de Pernambuco!

Que triste successos te estavam reservados nas paginas negras da nossa historia patria!

Não bastava para tua degradação os infames acontecimentos da assembléa provincial e Victoria!

Assim vão humilhando as forças do leão.

Praza aos céus que fique ahi.

Eis os effeitos da politica do Sr. Saraiva, chamando um homem sem prestigio e sem influencia entre os seus conprovincianos para uma pasta.

Até onde nos conduzirá o gabinete Saraiva-Dantas?

Quando entenderá Sua Magestade o Imperador, na Sua Alta Sabedoria, apear esta ignominiosa dictadura?

No proximo numero encetaremos uma série de artigos sobre esta politica.